

FINALISTA DO PRÊMIO BRAM STOKER E DO
PRÊMIO GOODREADS PARA MELHOR LIVRO DE TERROR

DACRE STOKER
&
J. D. BARKER

Dracul

O INÍCIO DA LENDA
E DO **MONSTRO**

INSPIRADO NAS NOTAS E TEXTOS
DE BRAM STOKER, AUTOR DE *DRÁCULA*

TOP
SEL
LER

Para todos aqueles que sabem que os monstros são reais.



A ordem pela qual estes papéis foram organizados tornar-se-á clara aquando da sua leitura. Todas as questões irrelevantes foram eliminadas para que a história possa avançar como um facto simples. Reuni estes documentos e organizei-os com o auxílio dos envolvidos e com base na sua vontade de partilharem o ocorrido — uma época lúgubre e formidável. Intercalada neles, descobrirá a minha narrativa, para criar um todo.

Retire dela o que desejar.



PARTE I



Estou convencido de que não restam dúvidas de que os eventos aqui descritos ocorreram de facto, por mais inacreditáveis e incompreensíveis que possam parecer à primeira vista.

Bram Stoker, in *Drácula*

Retirado do prefácio original, recentemente descoberto, que foi extraído antes da publicação.

Ouvi uma gargalhada estranha, guinchada, como o som de um sino de vidro; era a voz dela — ainda tremo ao recordá-la, aquela voz não era de todo humana.

Bram Stoker, in *Makt Myrkranna*

AGORA



Bram fita a porta.
O suor perla-lhe a testa franzida. Passa os dedos pelo cabelo húmido, as têmeoras a latejar de dor.

Há quanto tempo está acordado? Dois dias? Três? Não sabe, cada hora vai-se fundindo com a seguinte, um sonho febril do qual não há despertar, apenas sono, mais profundo, mais sombrio...

Não!

Não se pode dar ao luxo de dormir.

Obriga os olhos a abrirem-se ainda mais. *Força-os* a ficarem abertos, impedindo-os, sequer, de pestanejar, pois cada pestanejar torna-se mais pesado do que o anterior. Não pode descansar, dormir, sentir-se seguro, ter família, amor, futuro...

A porta.

Tem de vigiar a porta.

Bram levanta-se da cadeira, a única peça de mobiliário da divisão, os olhos fixos na sólida porta de carvalho. Ter-se-á movido? Pareceu-lhe tê-la visto estremecer, mas não tinha havido qualquer som. Nem o mais leve dos ruídos traía o silêncio daquele local; apenas a sua própria respiração, e o bater ansioso do seu pé contra o frio piso de pedra.

A maçaneta permanece imóvel, as dobradiças trabalhadas com o mesmo aspeto que teriam há cem anos, a fechadura mantendo-se firme. Até ter chegado àquele lugar, nunca vira uma fechadura assim, forjada em ferro e moldada no local. O mecanismo em si está ligado à porta, firmemente preso ao centro com duas grandes trancas que se ramificam para a esquerda e a direita e se prendem à aduela. Tem a chave no bolso, e aí permanecerá.

Os dedos de Bram envolvem com força a coronha da sua espingarda *Snider-Enfield Mark III*, o indicador brinca na guarda do gatilho.

Nas últimas horas carregou a arma e puxou e largou a culatra mais vezes do que é capaz de contar. A sua mão livre desliza pelo aço frio, assegurando-se de que o ferrolho está na posição certa. Puxa o cão para trás.

Desta vez, vê-o — uma ligeira agitação no pó, na frincha entre a porta e o chão, uma lufada de ar, nada mais, ainda assim, movimento.

Sem fazer barulho, Bram pousa a espingarda, encostando-a à sua cadeira.

Leva a mão ao cesto de verga à sua esquerda e retira uma rosa selvagem branca, uma de sete que ainda restam.

A chama do candeeiro a petróleo, a única fonte de luz na divisão, tremeluz com os seus movimentos.

Cuidadosamente, aproxima-se da porta.

A última rosa jaz, num monte murcho: as pétalas, castanhas e negras e repletas de morte; o caule, seco e doentio; os seus espinhos parecendo maiores do que pareciam quando a flor ainda tinha vida. O fedor da putrefação eleva-se; a rosa assumindo o odor de uma flor-cadáver.

Bram afasta a rosa velha com a biqueira da bota e pousa suavemente a nova flor no seu lugar, encostada à parte de baixo da porta.

— Abençoi esta rosa, Pai, com o Teu sopro e mão e todas as coisas sagradas. Ordena aos Teus anjos que a protejam, e guia o seu toque para que mantenham o mal ao longe. Ámen.

Do outro lado da porta ouve-se bater, o som de mil pancadas contra o velho carvalho. A porta verga, e Bram salta de novo para a cadeira, tomando nas mãos a espingarda que aí deixara apoiada e apontando, ao mesmo tempo que se deixa cair sobre um joelho.

Depois tudo cai, de novo, em silêncio.

Bram permanece imóvel, a espingarda apontada à porta até o peso da arma prejudicar a sua pontaria. Nessa altura baixa o cano, percorrendo a divisão com o olhar.

O que pensaria a pessoa que por ali entrasse e testemunhasse tal imagem?

Bram cobriu as paredes com espelhos, quase duas dúzias deles, de todas as formas e tamanhos, todos os que tinha. O seu rosto cansado fita-o em mil reflexos, enquanto a sua imagem salta de um espelho para o outro. Bram tenta afastar o olhar, mas descobre-se a espreitar

para os olhos do seu próprio reflexo, cada rosto marcado com rugas e linhas que pertencem a um homem muito mais velho do que os seus 21 anos.

Entre os espelhos, pregou cruces, quase 50. Algumas exibem a imagem de Cristo, ao passo que outras não são mais do que ramos caídos pregados uns aos outros e abençoados pela sua própria mão. Estendeu as cruces no chão, primeiro com um pedaço de giz, depois gravando-as na própria pedra com a ponta da sua faca de mato, até não restar superfície alguma intacta. Se aquilo será ou não suficiente, não tem como saber, mas é tudo o que pode fazer.

Não pode partir.

O mais provável é que nunca parta.

Bram senta-se na cadeira.

Lá fora, um mergulhão pia enquanto a Lua aparece e desaparece por detrás das nuvens carregadas. Retira do casaco o relógio de bolso e pragueja — esqueceu-se de lhe dar corda, e os ponteiros deram por terminada a sua viagem às 4h30. Volta a guardá-lo no bolso.

Ouve-se uma nova pancada na porta, desta feita mais ruidosa do que a anterior.

A respiração de Bram fica suspensa, enquanto os seus olhos regresam à porta, a tempo de ver o pó a dançar no ar e a repousar de novo sobre a pedra.

Durante quanto tempo conseguirá aquela barreira sustar tamanha ameaça?

Bram não sabe. A porta é sólida, isso é certo, mas o ataque que ela esconde torna-se mais furioso a cada hora que passa, a sua determinação em escapar crescendo à medida que a madrugada se aproxima lentamente.

As pétalas da rosa começaram já a amarelecer, muito mais depressa do que as da anterior.

O que será dele quando a criatura, por fim, arrombar a porta? Pensa na espingarda e na faca e sabe que lhe servirão de pouco.

Vê o seu diário no chão, ao lado do cesto das rosas; deve ter-lhe caído do casaco. Bram pega no diário, com a sua capa de cabedal esfarrapada, e folheia com o polegar as páginas, antes de regressar à cadeira, mantendo um olho sempre na porta.

Tem muito pouco tempo.

Retirando um lápis do bolso do peito, avança para uma página em branco e começa a escrever sob a luz tremeluzente do candeeiro a petróleo.

O DIÁRIO DE BRAM STOKER



As peculiaridades de Ellen Crone. Era, claro, por aí, que eu deveria começar, pois esta história é tanto dela quanto minha, talvez mais ainda. Esta mulher, este monstro, este espetro, esta amiga, este... ser.

Esteve sempre ali para nós. As minhas irmãs e irmãos podem assegurá-lo. Mas de que forma, deverá ser o motivo das inquirições. Ela esteve presente, no meu início, e sem dúvida estará presente no meu fim, como eu estive no dela. Esta foi, e sempre será, a nossa dança.

A minha querida *Nanna* Ellen.

A sua mão sempre a tentar tocar-me, ainda que o toque das suas unhas fizesse sangrar.

O meu início, que acontecimento horrendo esse.

Desde as minhas mais antigas recordações, sempre fui uma criança enferma, doente e presa a uma cama do nascimento até ao meu sétimo aniversário, quando encontrei uma cura. Debruçar-me-ei demoradamente sobre essa cura mais à frente, mas por ora é importante que compreendam o estado em que passei esses primeiros anos.

Nasci a 8 de novembro de 1847, de Abraham e Charlotte, num lar modesto no número 15 de Marino Crescent, em Clontarf, na Irlanda, uma pequena vila à beira-mar, localizada a cerca de seis quilómetros e meio de Dublin. Delimitada por um parque a este e pela vista do porto a oeste, a nossa vila ganhou fama por ter sido o local da Batalha de Clontarf, em 1014, na qual os exércitos de Brian Boru, o Rei Supremo da Irlanda, derrotou os vikings de Dublin e os seus aliados, os irlandeses de Leinster. Considera-se que essa batalha marcou o fim das guerras entre Irlandeses e Vikings, uma conflagração sangrenta marcada pela morte de milhares de almas na mesmíssima margem sobre a qual se abria o meu pequeno quarto. Em anos mais recentes, Clontarf tornou-se o destino dos homens ricos da Irlanda, um local de

férias para os que desejam escapar das multidões de Dublin e deliciar-se com a pesca e os passeios pelas nossas praias.

Estou a pintar Clontarf com um tom romântico, porém, em 1847, estava longe de ser romântica. Esse foi um período de fome e doença por toda a Irlanda, que havia começado dois anos antes do meu nascimento e que não cedeu senão em 1854. A *Phytophthora infestans*, também conhecida como requeima da batata, começara a devastar as culturas durante a década de 1840 e foi alastrando até se transformar numa abominação que empurrou 25 por cento da população irlandesa para a emigração ou para a morte. Era eu criança, quando essa tragédia atingiu o seu ponto mais alto. A mãe e o pai levaram-nos para o interior em 1849, para escapar à fome, à doença e ao crime; e o ar fresco, esperava-se, ajudaria à minha fraca saúde, mas tudo o que trouxe foi mais isolamento — os sons do porto, que os meus jovens ouvidos procuravam, ficando ainda mais distantes. Para o meu pai, o percurso diário até ao seu gabinete no castelo de Dublin tornava-se mais longo, enquanto o mundo morria à nossa volta, como uma teia húmida de dor, cobrindo tudo o que restava.

Assisti a tudo isso do meu quarto, no sótão, bem alto sobre a nossa casa, conhecida como Pavilhão de Artane, nada mais que um espectador, dependendo dos relatos da minha família para explicar tudo o que acontecia para lá das nossas paredes. Via os pedintes, enquanto destruíam os jardins de nabos e couves, enquanto roubavam os ovos da nossa capoeira, na esperança de adiar a fome por mais uma noite. Observava-os, enquanto arrancavam as roupas das cordas de estranhos, ainda húmidas, para vestirem os seus filhos. Apesar de tudo isso, quando podiam, os meus pais e os nossos vizinhos abriam as suas casas e convidavam os menos afortunados a entrar, para comerem uma refeição quente e se abrigarem das intempéries. Desde o meu humilde nascimento, o lema da família Stoker «O que for certo e honrado» foi-me inculcado e guiava todos os que viviam em nossa casa. Não éramos, de modo algum, abastados, mas a nossa família vivia melhor do que a maioria. No outono de 1854, o meu pai, um funcionário público, labutava no gabinete do secretário-chefe no castelo de Dublin, como tinha feito nos 39 anos anteriores, tendo começado em 1815, com

apenas 16 anos. O meu pai é substancialmente mais velho do que a minha mãe, algo que não teve para mim qualquer significado de maior até ter chegado à idade adulta. O castelo era a residência do vice-rei da Irlanda, e o seu gabinete lidava com a correspondência entre as agências governamentais inglesas e as suas homólogas irlandesas. O meu pai passava o tempo a catalogar essas comunicações, que iam dos negócios mundanos do dia a dia do país a respostas oficiais acerca de questões relacionadas com a pobreza, a fome, a doença, as epidemias, as pragas que afetavam o gado, os hospitais e as prisões, a agitação política e a rebelião. Ainda que desejasse ignorar os problemas que assolavam os nossos tempos, não podia; estava profundamente mergulhado neles.

A minha mãe era membro associado da Statistical and Social Inquiry Society of Ireland, uma grande força nas movimentações de alimentos e esforços de auxílio de Dublin, um posto anteriormente reservado apenas a homens. Nem um dia se passava, em que não regateasse com um vizinho a compra de um pouco de leite, que depois trocava com outro vizinho por tecido. Os seus esforços garantiam que havia comida na mesa da nossa grande família e ajudaram a alimentar muitos outros que atravessaram o limiar da nossa porta naqueles tempos de necessidade. Ela manteve a nossa família unida — vejo-o agora, em adulto, mas aos 7 anos teria testemunhado em contrário. Teria dito que ela me trancava no quarto, trocando a minha felicidade pelo isolamento dos males do mundo, não estando disposta a permitir a mais pequena exposição.

A nossa casa erguia-se junto a Malahide Road, uma rua pavimentada com pedras extraídas de uma pedreira junto a Rockfield Cottage. Eu estava confinado ao sótão, as suas janelas pontiagudas, a minha única fuga, mas eu conseguia ver muito dessa altura — das terras agrícolas à nossa volta, ao porto distante num dia limpo —, até a torre em desintegração do castelo de Artane. Observava o mundo que se atarefava à minha volta, uma peça da qual eu era o único público, a minha doença ditando a minha presença.

O que me afligia?, podem perguntar. Essa é uma questão sem uma verdadeira resposta, pois ninguém o conseguia dizer com toda a certeza. O que quer que fosse, a minha aflição atingiu-me pouco depois do nascimento e agarrou-se a mim com os seus dedos vis. Nos meus

piores dias era um feito para mim conseguir atravessar o quarto; o esforço deixava-me sem fôlego, à beira da inconsciência. Uma mera conversa esgotava a pouca energia que eu possuía; depois de ter pronunciado algumas frases, ficava muitas vezes pálido e frio ao toque, enquanto o suor deslizava dos meus poros, e eu estremecia quando o meu corpo húmido se combinava com a aragem marítima. O meu coração batia no peito, por vezes ferozmente, irregular, como se o órgão procurasse um ritmo e não conseguisse encontrá-lo. E as dores de cabeça: abatiam-se sobre mim e persistiam, dia após dia — um cinto a apertar-me a cabeça, nas mãos despreocupadas de um demónio.

Passava os dias e as noites no meu pequeno quarto no sótão, perguntando-me se teria passado o meu último crepúsculo ou se acordaria para ver uma nova madrugada orvalhada.

Não estava lá completamente só; havia outros dois quartos. Um pertencia à minha irmã Matilda, com 8 anos na altura, e o outro era ocupado pela nossa *Nanna*, Ellen Crone. Esta partilhava o quarto com o bebé Richard, o meu irmão recentemente nascido e a sua responsabilidade mais premente.

No piso de baixo encontrava-se a única casa de banho interior, bem como o quarto dos meus pais e um segundo quarto ocupado pelos meus outros dois irmãos, Thornley e Thomas, de 9 e 5 anos, respetivamente.

No piso térreo ficavam a cozinha, uma sala de estar e a sala de jantar com uma mesa suficientemente grande para sentar todos os ocupantes da casa. Havia também uma cave, mas a minha mãe tinha-me proibido de descer esses degraus; o nosso carvão era aí armazenado, e a exposição ao seu pó podia deixar-me preso ao meu leito durante uma semana. Atrás da nossa casa, havia um velho celeiro de pedra. Guardávamos aí três galinhas e um porco, todos eles cuidados por Matilda desde que esta fizera 3 anos. A princípio, dera nome aos porcos, mas quando tinha cerca de 5 anos, apercebeu-se de que alguém estava a trocar as porcas maiores por outras mais pequenas pelo menos duas vezes por ano. Quando fez 6 anos, apercebeu-se de que esses mesmos porcos eram levados para o açougue e regressavam para os nossos pratos. Foi então que deixou de lhes dar nomes.

E tudo isto era supervisionado por Ellen Crone.

O DIÁRIO DE BRAM STOKER



Por onde começar? Há tanto para contar e tão pouco tempo para o fazer — mas sei quando tudo mudou. Quando determinada semana chegasse ao fim, eu estaria curado, a nossa querida *Nanna* Ellen teria partido, e uma família estaria morta. Tudo começou de um modo bastante inocente, ainda que envolvesse escutar algumas conversas às escondidas. Éramos apenas crianças — eu, com 7; Matilda, com 8 — no entanto, aquele outono jamais seria esquecido. E começou com apenas duas palavras.

Outubro de 1854

— Enterrado vivo — repetiu Matilda. A sua voz, baixa. — Foi isso que a mãe disse. Eu bem a ouvi.

Embora ela tivesse mais um ano do que eu, passava muitas das minhas horas acordado na companhia de Matilda, em especial quando me via confinado ao quarto, como hoje. Estávamos à janela, e Matilda apontava para o porto.

— A mãe disse que o homem estava doente, e quando ele pediu ajuda, os homens limitaram-se a escavar um buraco no chão e a atirá-lo lá para dentro. Que tipo de pessoa faz isso? Como podem os outros ter participado em boa consciência?

— A mãe não disse tal coisa — contrapus. Seguindo o seu dedo com os olhos, tentei ver através do nevoeiro que rolava sobre as águas.

— Disse. Se lhe perguntares, estou certa de que negará tê-lo dito, mas ela disse-o ao pai, quando ele voltou para casa do trabalho, há menos de 20 minutos. Vim logo contar-te.

Tentei não sorrir, pois sabia que Matilda tecia tal narrativa apenas para animar o meu espírito, ainda assim senti que os cantos da minha boca se erguiam, e ela bateu-me no ombro.

— Agora estás a fazer pouco de mim. — Ela franziu o sobrolho, virando as costas à janela.

— Onde dizes tu que isso aconteceu? — Ela não respondeu, fitando antes a parede oposta. — Matilda? Onde aconteceu isso?

Com um suspiro profundo, ela deslizou o olhar de novo para a janela.

— No cemitério por trás da Igreja de São João Batista. Disse que o tinham enterrado entre as campas dos suicidas.

— Campas dos suicidas?

A frustração de Matilda crescia.

— Já te falei delas antes; estão escondidas no limite este do cemitério, logo depois do muro, sempre à sombra. Todos aqueles que decidem pôr termo à própria vida são aí enterrados, bem como os ladrões e os criminosos e outros que tais. Há poucas lápides ou criptas, apenas terra a cobrir centenas de campas ermas. Além disso, o solo também não é sagrado, pelo que os que ali são enterrados jamais conhecerão a paz. Passarão a eternidade condenados.

— Então porquê enterrar aí um homem doente?

— Queres dizer, por que razão terá aquele homem doente *em particular* sido enterrado vivo aí?

— Se o enterraram vivo foi, na verdade, assassinado — argumentei. — Seria merecedor de um enterro como o de todos os outros, em terreno consagrado.

— Não se pode esconder um corpo entre as campas comuns, mas se for enterrado entre os suicidas, jamais será encontrado.

Fui, nesse momento, tomado por um ataque de tosse, e virei a cabeça até este terminar, depois disse:

— Se a mãe tivesse conhecimento de tal coisa, informaria as autoridades. Faria o que é correto.

— Talvez as autoridades já soubessem e não se importassem. Menos um homem doente a percorrer as ruas poderá não ser relevante.

— O que disse o pai de tudo isto? — perguntei-lhe.

Matilda atravessou o pequeno quarto até à minha cama e instalou-se num canto, o dedo a rodopiar nos seus longos caracóis louros.

— Inicialmente, manteve-se em silêncio, pensando na história. Depois disse: «As coisas estão ainda piores em Dublin.» Voltou ao seu jornal sem pronunciar nem mais uma palavra.

— Não acredito em nada disso; estás apenas a contar histórias outra vez — disse, com um sorriso a invadir os meus lábios secos.

— É verdade!

— O que é verdade?

Virámo-nos os dois ao mesmo tempo, para vermos a *Nanna* Ellen junto à porta com o tabuleiro do almoço nas mãos. Entrou no quarto com uma graciosidade hábil, deslizando pelo chão mais do que andando, os seus passos silenciosos e seguros, e pousou o tabuleiro na minha mesa de cabeceira.

Os olhos de Matilda fixaram-se nos meus e ela pediu-me, silenciosamente, para não dizer uma palavra acerca da nossa conversa — não que eu tivesse alguma intenção de o fazer.

— Nada, *Nanna*.

Os olhos da *Nanna* Ellen semicerraram-se, enquanto olhava primeiro para mim, depois para Matilda, e depois de novo para mim, antes de os devolver ao tabuleiro e de servir uma chávena de chá quente.

— A conversa que estavam a ter é horrível. Homens enterrados vivos em campas não identificadas? *A sério*. Isso não é conversa para adultos, muito menos para crianças como vocês! E porque estás tu fora da cama? Ainda vais encontrar a morte de tanto ficares junto àquela janela. E depois? Suponho que tenhamos de escavar um burquinho entre essas campas dos suicidas e plantar-te ao lado do outro doente. — Ela piscou o olho a Matilda. — Achas que consegues encontrar tempo, no teu atarefado dia de coscuvillice, para me mostrar onde encontrar esse sítio e, talvez, trazes-me uma pá?

Apressei-me a regressar à cama e enfiei-me debaixo dos lençóis.

— Não seria capaz — disse-lhe.

A *Nanna* Ellen tentou manter um ar sério.

— Ah, seria, sim. Estou de olho neste teu quarto; o meu está a ficar um bocadinho apinhado, com o bebé... — Ela pegou na pequena campainha sobre a minha mesa de cabeceira e fê-la tocar. — Acabava-se isto, não era? Parece-me um mundo absolutamente feliz.

Tentei tirar-lhe a campainha dos dedos, mas ela revelou-se demasiado rápida para mim; a minha mão não encontrou senão o ar.

— Sabe que eu não gosto de usar isso; a mãe insiste que eu o faça.

— Então também não acredita em mim? — Matilda franziu o sobrolho.

A *Nanna* Ellen pôs as duas mãos na cintura e suspirou.

— Não acredito nem por um segundo que as boas pessoas da Irlanda assistissem impassíveis enquanto um homem vivo era atirado para uma campa aberta, para ser esquecido. Acho que a tua imaginação está a levar a melhor sobre ti. Tenho a certeza de que ouviste alguma coisa, mas não foi isso. Talvez o teu tempo fosse melhor gasto na cozinha, a ajudar a tua mãe com o jantar, do que a esconderes-te pelos cantos para escutar conversas que não se destinam aos teus jovens ouvidos.

— Pois, pode ter a certeza de que foi isso mesmo que a mãe disse.
— Matilda fez beicinho.

A *Nanna* Ellen suspirou e sentou-se na beira da cama, ao meu lado, os dedos esguios procurando a minha testa. Encolhi-me ao seu toque, a sua pele parecia gelo.

— Estás de novo com febre, meu jovem. — Ela deitou água do jarro que trazia no tabuleiro para a bacia ao lado da minha cama e humedeceu um pano, escorreu-o e pousou-o sobre a minha testa. — Deita-te — instruiu.

Obedeci, e ela depois disse:

— Cinzentos.

— O quê?

— Os teus olhos... hoje estão cinzentos. — E estavam, de um cinzento-escuro, que me recordava as pesadas nuvens de tempestade que haviam povoado o céu do porto apenas dois dias antes. — Ontem eram cor de avelã. E no dia anterior eram azuis. De que cor serão amanhã?

Fitou-me e prendeu o caracol louro atrás da orelha. Na maioria dos dias, usava-o preso, mas naquele dia estava caído, pendendo logo abaixo dos ombros.

Refletia muitas vezes na beleza de Ellen Crone. Aos 7 anos, não tinha tais pensamentos; mas, em adulto, não consigo negar o seu encanto. A sua pele era brilhante, imaculada como uma camada de neve fresca — nem uma única mancha ou ruga, nem mesmo em redor dos olhos ou da boca. Quando ela sorria, a alvura dos seus dentes era espantosa. Brincávamos muitas vezes em relação à sua idade — e ela juntava-se à brincadeira. Veio para nossa casa em outubro de 1847, poucas semanas

antes do meu nascimento — logo depois de a menina Coghlan ter partido devido a problemas de saúde, explicando que a artrite que lhe afetava as mãos tornava o ato de cuidar de uma criança insuportável. A menina Coghlan acompanhara a família durante os nascimentos de Thornley e Matilda e esperava-se que ficasse ainda mais um ano, tempo suficiente para que a minha mãe encontrasse uma substituta. A sua saída antecipada chegara num momento difícil; o pai passava a maior parte das horas no castelo, devido ao início da fome, e a mãe não estava em condições de entrevistar candidatas, estando o meu nascimento a poucas semanas de ocorrer. Ellen apareceu como uma dádiva de Deus — por passa-palavra apenas, tinha ouvido falar daquela vaga e chegou à nossa porta sem mais nada de seu além de um pequeno saco. Alegava ter 15 anos, na altura, uma órfã que passara cinco anos numa casa a cuidar dos filhos da família que a acolhera — um rapaz e uma rapariga com 5 e 6 anos —, tendo toda a família sucumbido de cólera no mês anterior. A mãe dessa família era parteira, e Ellen explicou que tinha auxiliado em dezenas de partos; estava disposta a oferecer os seus serviços em troca de alojamento e um pequeno estipêndio, durante um curto período, pelo menos até depois do meu nascimento, para que a minha mãe tivesse tempo para recuperar. A mãe e o pai não tinham outra alternativa disponível, pelo que deram as boas-vindas a Ellen Crone na nossa casa, onde de imediato se tornou indispensável.

O meu nascimento em novembro de 1847 foi difícil. Nasci de parto pélvico, com o cordão umbilical em redor do pescoço, às mãos do primo do meu pai, um proeminente médico de Dublin, que me julgou um nado-morto, ao ver que eu não emitia qualquer som. O tio Edward Alexander Stoker declarou que não se sentia qualquer batimento cardíaco sob a minha pele azul. Mas Ellen insistiu que eu estava vivo, arrancou-me dele e pôs-se ao trabalho, respirando por mim, os seus lábios sobre os meus durante quase três minutos, antes de eu, por fim, ter tossido e me ter juntado ao mundo dos vivos. A minha mãe e o meu pai ficaram perplexos, e o tio Edward declarou que era praticamente um milagre. A minha mãe disse-me, mais tarde, que tinha a certeza de que eu estava morto no seu útero, porque raramente me mexia; sendo mãe de dois filhos, tinha experiência e sentia-se segura disso. Então, não permitira que o meu pai se decidisse por um nome. Só quando

comecei a respirar e dei provas de estar vivo concordou com o nome Abraham — o mesmo nome do meu pai — e me tomou nos braços pela primeira vez.

Anos mais tarde, a minha mãe contou-me que a *Nanna* Ellen parecera cansada e macilenta nessa noite — como se também ela tivesse dado à luz e isso a tivesse privado de todas as suas forças. Mal me aninharam em segurança nos braços da minha mãe, Ellen retirou-se para o seu quarto e saiu de lá apenas dois dias depois, para grande consternação do meu pai, que passou horas à sua porta, a tentar convencê-la a sair, pois precisava de ajuda com as crianças e com a minha mãe. Durante esses dois dias, ninguém viu a *Nanna* Ellen; ela saiu, por fim, ao terceiro dia, sem uma palavra acerca do episódio, e limitou-se a regressar aos seus afazeres domésticos. O meu pai tê-la-ia despedido caso tivesse quem a substituísse, mas não havia ninguém.

Nesses primeiros três dias, o meu estado piorou, e o meu pai temia que eu não sobrevivesse mais uma noite que fosse. A minha respiração era entrecortada e eu engasgava-me frequentemente com os fluidos. Ainda não tinha chorado e os meus olhos não respondiam aos estímulos que me rodeavam. Recusava-me a mamar. Não comia de todo. Ellen levou o meu berço para o seu próprio quarto e permaneceu comigo sempre que acordado, proibindo todos os outros de me verem — insistindo que eu precisava de descansar. Todos acataram com relutância o seu pedido, e apenas no meu quinto dia de vida, por volta das duas da manhã, os meus gritos se fizeram ouvir pela casa pela primeira vez, gritos suficientemente sonoros para despertar Matilda e Thornley que juntaram aos meus os seus próprios gritos. O meu pai ajudou a minha mãe a chegar à porta de Ellen, e, quando ela a abriu, com a minha pequena forma aninhada nos seus braços, todos souberam que o perigo havia passado e que eu sobreviveria. A minha mãe disse que Ellen parecera, nessa altura, muito mais velha do que era, pior ainda do que depois do meu nascimento, pior do que alguma vez parecera depois disso. Depois de me entregar à minha mãe, Ellen Crone desceu as escadas e saiu pela porta da frente para a calada da noite. Não regressou senão daí a dois dias.

Quando regressou, tinha de novo assumido o seu ar jovem, as faces ruborescidas, os olhos de um azul radiante e um sorriso nos lábios que ficaria para a história. Dessa vez, o meu pai não a censurou por

ter partido, pois o meu estado piorara na sua ausência, e de algum modo soube que ela me poderia ajudar, como fizera nas duas vezes anteriores. Voltou a colocar o meu berço no quarto dela, e ali ficou, enquanto Ellen fechava a porta e nos deixava a ambos em segurança no seu interior. Emergiria com a minha saúde melhorada e a sua em declínio. E esse padrão repetir-se-ia dezenas de vezes naqueles primeiros anos — cuidava de mim até eu recuperar a saúde, depois desaparecia durante alguns dias, regressando de boa saúde e voltando a assumir os nossos cuidados. O que acontecia por detrás da porta fechada nunca foi revelado, e a minha mãe e o meu pai nunca lho perguntaram, mas os seus olhos contavam a história — do azul mais profundo quando a sua saúde estava mais forte, de um cinzento-pálido pouco antes de partir.

Fitei aqueles olhos, agora cinzentos, sabendo que ela iria partir em breve.

— Talvez devesse concentrar-te na tua própria saúde e não nas tonalidades imaginárias dos meus olhos, que sem dúvida não fazem mais do que refletir as minhas roupas. Quem sabe, se eu vestir um vestido vermelho, eles arderão tão vermelhos quanto os do Sr. Nesbitt, do fundo da rua, depois de uma noite no *pub*?

— Vai partir outra vez, em breve, não vai?

Dito aquilo, Matilda pareceu despertar.

— Não, *Nanna*. Não pode! Prometeu que ia posar para mim, para que eu possa desenhar o seu retrato!

— Mas já tens dezenas...

— Prometeu. — Amuou.

Ellen foi ter com ela e deslizou-lhe o dedo pelo rosto.

— Estarei fora apenas um dia ou dois, no máximo. Não regresso sempre? E depois posarei para ti, para mais um retrato. Enquanto estiver fora, preciso que cuides do teu irmão e ajudes a tua mãe. Ela já tem trabalho de sobra com o bebé Richard. Achas que consegues cuidar da casa na minha ausência?

Matilda acenou relutantemente com a cabeça.

— Muito bem, então. É melhor regressar lá abaixo e iniciar os preparativos para o jantar. — Voltou a pousar a mão gelada na minha testa. — Se não melhoraes, terei de chamar o teu tio Edward.

Ao ouvir tais palavras, o meu estômago contorceu-se num nó, mas eu nada disse.

Matilda esperou que a *Nanna* Ellen saísse e depois correu para o meu lado.

— Preciso de te mostrar uma coisa.

— O quê?

Os olhos dela relancearam a porta aberta, depois para o caderno, que ela tinha deixado na cómoda ao entrar. Atravessando o quarto, fechou a porta, segurando-a bem pela maçaneta para garantir que as correntes de ar não se apoderavam da porta e a fechavam com um estrondo. Agarrou no caderno e regressou à cama.

— Consideras-me uma boa artista?

— Sabes bem que sim.

E não estava só a ser agradável. Desde os seus 3 ou 4 anos, tornou-se óbvio que ela possuía uma capacidade inatingível por outras crianças da sua idade. Recentemente, os seus desenhos e pinturas haviam sido considerados tão bons quanto os de muitos adultos tidos em grande conta. Para o provar, a nossa mãe pedira a um amigo que mostrasse um dos seus quadros a um amante de arte de Dublin abastado. Não dissera ao amigo que o quadro fora pintado por uma criança; limitara-se a dizer que se tratava de um bem de família muito querido, que desejava ver avaliado. O homem tinha oferecido dez xelins pela obra, mas a minha mãe recusara, dizendo que o quadro era demasiado querido, que não se podiam separar dele.

Pouco tempo depois, Matilda foi aceite na escola de arte de Dublin.

No entanto, eu conseguia ver pela sua expressão que precisava de um novo elogio.

— És uma *boa* artista. De verdade!

Matilda semicerrou os olhos, depois tocou ao de leve no seu caderno de esboços.

— O que estou prestes a mostrar-te terá de ficar entre nós. Tens de prometer que não falas disto com mais ninguém.

Antes que pudesse responder, fui tomado por um ataque de tosse, que me punha o peito a arder a cada arquejo rouco. Matilda serviu

rapidamente um copo de água e levou-mo aos lábios. Bebi, sequioso, o líquido fresco acalmando a garganta seca. Quando o ataque terminou por fim, pedi simplesmente desculpa. Matilda ignorou-me, como era seu hábito no que dizia respeito ao facto de eu estar doente; não me lembro de uma única vez em que tenha reconhecido a minha doença. Voltou a bater no caderno, desta feita com impaciência.

— Prometes-me?

Acenei com a cabeça.

— Não direi a vivalma.

Aquelas palavras pareceram suficientes, pois ela abriu-o e folheou algumas páginas antes de parar numa em particular. Mostrou-me o retrato.

— Quem é este?

— O William Cyr. — Era um agricultor que vivia do outro lado do monte em Puckstown, e ela desenhara-o enquanto cuidava dos seus campos.

Passou para a página seguinte.

— É este?

— Trata-se, sem dúvida, do Robert Pugsley — respondi. Viajava na sua carroça de talhante.

— Então e esta?

— É a mãe.

— E este?

— O Thornley a cuidar das galinhas.

— Esta?

Estudei a imagem por um momento — uma mulher de 17 ou 18 anos, mas que não reconheci.

— Acho que não a conheço.

Matilda fitou-me por um segundo, virando depois para a página seguinte.

— Então e esta?

Outra rapariga, ligeiramente mais velha do que a anterior. Parecia-me vagamente familiar, mas não conseguia dizer de onde conhecia o rosto. Abanei a cabeça.

Matilda mostrou-me os retratos de outras três mulheres, a mais velha não tendo mais de 20 anos. Esta última tinha sido pintada com aquarelas; a imagem era vibrante, um ser vivo captado com tanto

pormenor que parecia possível, ao estender a mão e tocar no papel, sentir o calor da sua pele. Mas não reconheci aquelas mulheres, o que me pareceu estranho; conhecia quase todas as pessoas que viviam perto da nossa casa, e não era permitido a Matilda afastar-se da nossa porta, a não ser na companhia de um adulto.

— Não conheces nenhuma destas mulheres?

Olhei de novo para as fotografias, estudando-as mais de perto. Não conseguia atribuir um nome àqueles rostos.

— Não. Talvez as tenhas conhecido no mercado ou na cidade com a nossa mãe... sem mim?

Matilda abanou a cabeça lentamente. Inclinou-se mais para mim e sussurrou-me ao ouvido.

— São retratos da *Nanna* Ellen.

Franzi o sobrolho e voltei de novo o olhar para o caderno.

— Mas elas... não se parecem nada com ela.

— Nenhum deles se parece com ela, ainda assim todos se parecem exatamente com ela. Podia mostrar-te mais uma dezena deles, mas não reconheceria nenhum.

— Não compreendo.

— Nem eu. — Voltou a baixar a voz. — Parece que sempre que desenho a *Nanna* Ellen, o retrato resultante não se parece nada com ela. Não consigo captá-la, por muito que tente; a sua imagem escapa-me.

Não sabia o que dizer, por isso mudei de assunto.

— O que mais soubeste do Thornley?

Dado que raramente deixava o meu quarto, dependia de Matilda para os mexericos da casa, e ela raramente me dececionava. Embora a *Nanna* Ellen fosse o centro dos seus trabalhos detetivescos, o meu irmão era o seu segundo alvo preferido, e era frequente encontrá-la à espreita nas suas sombras.

— Oh, o Thornley... — Matilda virou a página do caderno para uma repleta de texto. — Na noite passada, vi-o deixar o quarto da *Nanna* Ellen quase às duas da manhã.

— Porque havia ele de ir ao quarto da *Nanna*?

Matilda bateu no caderno.

— E não é tudo. Estava completamente vestido, e depois de ter deixado o quarto dela, não regressou ao seu; foi lá para fora.

— A meio da noite?

— A meio da noite.

— E o que é que ele esteve a fazer lá fora?

Matilda franziu o sobrolho.

— Não sei. Perdi-o de vista perto do celeiro. Mas esteve lá fora durante quase 20 minutos, e, quando regressou, estava imundo.

— Ele viu-te?

— É claro que não.

— Esta foi... o quê... a terceira vez?

Ela disse que não com a cabeça.

— Esta é a quarta vez em outras tantas semanas que se esgueira assim. Se o voltar a fazer, planeio segui-lo.

— Devias dizer à mãe.

Ela não o faria. Eu sabia que não o faria. A maneira como fechou o caderno e deixou o meu quarto, toda zangada, disse-mo.

A minha febre piorou. Às três da tarde, o meu corpo gritava de dor e os lençóis da cama estavam ensopados da minha transpiração. A mãe estava sentada ao meu lado, com uma tina de água ao colo e um pano húmido para me limpar o suor da testa. A certa altura, lutei contra ela. Tinha tanto frio, que o pano parecia gelo contra a minha pele. Os meus braços agitavam-se para a afastar. Foi então que Thornley e o meu pai entraram no quarto, para me segurarem, prendendo-me os braços e pernas ao lado do corpo. Os meus gemidos ecoavam pela casa, sons guturais que mais se assemelhavam aos emitidos por um animal ferido do que por uma criança.

Ao fundo do corredor, ouvi o bebé Richard a gritar no quarto da *Nanna* Ellen, e a minha mãe pediu a Matilda que o fosse ver. Lembro-me de ela ter protestado, embora não tenha compreendido bem as suas palavras. Ela não queria sair do meu lado, mas a nossa mãe insistiu. Não lhe era permitido levar o bebé para o meu quarto por receio de que pudesse apanhar o que quer que fosse que me afligia. Acho que todos sabíamos que isso era ilógico — a minha doença persistia há vários anos e nenhum elemento da família a havia contraído —, no entanto, todos parecíamos estar de acordo que era melhor não arriscar.

Matilda saiu a correr do meu quarto e ouvi o pai a praguejar contra a *Nanna* Ellen, por se ter ausentado horas antes. Eles dependiam dela, e ela fazia falta, agora mais do que nunca, ainda assim, tinha-se ausentado por motivos que só ela conhecia. Na minha mente febril, os desenhos que Matilda me mostrara brilhavam: dezenas de mulheres que se fundiam numa só, que se assemelhava à *Nanna* Ellen por uma fração de segundo antes de se desfazer nas imagens de mulheres estranhas, de idades e aparências diversas, todas diferentes, todas iguais. Os seus olhos passavam do preto-e-branco de um desenho a carvão ao azul mais vibrante que era possível encontrar nas tintas a óleo, espreitando para mim através de um véu de escuridão redemoinhante. Conseguia ouvir a voz da *Nanna*, mas esta soava muito distante, como se guinchasse do outro lado do porto e o nevoeiro devorasse os seus gritos. Depois, o seu rosto estava a poucos centímetros do meu, os lábios vermelhos carnudos a tentarem soltar palavras, mas não emitindo qualquer som. Um instante depois, a minha mãe estava de volta, levando tudo para longe com o seu pano gelado, e eu quis enxotá-la, mas os meus braços já não obedeciam. Tudo ficou negro, e senti-me como se estivesse a cair num poço, o mundo desaparecendo por cima de mim, ao mesmo tempo que eu era engolido pela terra, as minhas costas a arderem, enquanto era puxado para o Inferno. Ouvi a mãe a chamar pelo meu nome, mas estava tão longe de casa que sabia que ouviria um raspanete, se ela soubesse que eu me tinha afastado tanto, por isso não disse nada; limitei-me a fechar os olhos e esperar pelo impacto, enquanto caía para o abismo. Suponho que fosse esta a sensação de se ser lançado vivo para uma campa dos suicidas. Esperei pela terra sufocante, preparado para morrer sob o seu cobertor de imundície, entregue às minhocas vorazes e aos vermes.

— Bram!

A minha mãe chamou-me do cimo do buraco, mas eu permaneci em silêncio. Só quando me chamou pela terceira vez, tentei responder, mas a voz falhou-me. O peso de tanta terra sobre o meu peito fazia-me expelir o pouco ar que conseguira reunir, dos meus lábios secos e gretados não escapou mais do que um gemido abafado. À minha volta, a terra caía, chovendo em torrões gigantes, maltratando o meu

corpo frágil. Uma multidão reunia-se lá em cima; embora não conseguisse ver ninguém, ouvia-os — gritos e berros, choros, até cacarejos —, primeiro, duas vezes, depois quatro, depois mais uma dúzia. Não conseguia segui-las, pois estavam por todo o lado e em lado nenhum, insanamente altas, mas ao mesmo tempo invisíveis para mim.

Depois houve uma.

Ergui o olhar para os olhos da minha mãe, vermelhos e enublados. Ela segurava o pano húmido a poucos centímetros do meu rosto e estacou quando os meus olhos se abriram, pestanejando, e a encontraram. Estava de novo no meu pequeno quarto no sótão, de novo na minha cama, perguntando-me se alguma vez a teria deixado.

— Ele acordou — disse ela num tom sussurrado, para alguém que se encontrava do outro lado do quarto.

Tentei virar a cabeça, mas doía-me demasiado o pescoço; temi que o movimento fosse suficiente para separar a cabeça do corpo. Como se dezenas de lâminas de gelo me estivessem a pressionar a pele.

— Frio...

— Chiu, não fales — disse a minha mãe. — O teu tio Edward está aqui; ele vai ajudar-te.

O rosto de Edward surgiu sobre mim, o seu cabelo cinzento e fino, despenteado e a cair em redor dos óculos. Retirou o estetoscópio que tinha ao redor do pescoço, inseriu os auriculares nos ouvidos, e pressionou contra o meu peito o ressoador em forma de sino — também este parecia gelado contra a minha pele nua e tentei afastá-lo, mas o pai e o Thornley agarraram-me com firmeza.

— Fica quieto — ordenou o tio Edward, o rosto enrugado num franzir de sobrolho. Escutou por um momento, antes de se virar de novo para a minha mãe. — O batimento cardíaco é muitíssimo errático, e a febre subiu a ponto de lhe provocar alucinações. Sem tratamento, a febre poderá causar danos permanentes... problemas auditivos, perda de visão, talvez até a morte.

Eu ouvia aquilo como se fosse um observador, incapaz de interagir. Vi a minha mãe trocar um olhar preocupado com o meu pai, enquanto Thornley se limitava a olhar para mim.

— O que sugeres? — perguntou a minha mãe ao tio Edward. A voz dela, por norma confiante e firme, vacilava agora.

Os olhos do tio Edward deslizaram para os meus, depois regressaram aos da minha mãe.

— Temos de diminuir o sangue impuro; só então o seu corpo encontrará a força para combater as infeções e começar a sarar.

A minha mãe abanava a cabeça.

— Da última vez, não fez mais do que piorar o estado de saúde dele.

— A sangria é o único tratamento disponível num caso como este.

Tentei libertar-me das suas mãos, e quase consegui, pois tinham-se distraído com a discussão e seguravam-me com menos força, todos com exceção de Thornley, que me apertou o braço com tanta força, quando tentei escapar, que achei que os seus dedos me iriam rasgar a pele. Ele fitou-me de sobrolho franzido, ao mesmo tempo que desenhava com os lábios a palavra *Não*.

A escuridão deslizava sobre mim como um manto, e lutei por me manter consciente. Eles continuaram a conversar, mas as palavras tornaram-se estranhas para mim, uma língua que eu não dominava. Depois, o meu corpo começou a tremer com um arrepio tão grande que me senti como se tivesse mergulhado num lago gelado. Pelo canto do olho vi o meu pai a abanar a cabeça.

O tio Edward tirou os óculos, limpou-os à camisa, depois voltou a pousá-los sobre a cana do nariz. Abriu a mala, uma pasta do mais fino cabedal inglês castanho, e retirou do seu interior um pequeno frasco branco, com furos minúsculos na tampa. Abriu-o, a sua tampa de borracha emitindo um *pop* quando o fez, depois foi buscar uma pinça à sua mala.

Tentei contorcer-me uma vez mais, mas fora abandonado por todas as minhas forças. Observei enquanto ele introduzia a pinça no frasco e extraía do seu interior uma grande sanguessuga — com quase oito centímetros. Esta agitou-se grotescamente na ponta da pinça, o seu corpo contorcendo-se para um lado e para o outro, enquanto o tio Edward baixava cuidadosamente a criatura na direção do meu pé.

Imediatamente antes de a sanguessuga ter desaparecido da minha linha de visão, vi a boca do ansioso sugador a abrir e a fechar, revelando o seu apetite, à medida que se aproximava da minha carne. A minha mãe afastou o olhar, os olhos firmemente fechados, e o meu pai, embora tivesse empalidecido, não deixou de assistir enquanto o meu tio

Edward aplicava a sanguessuga no meu pé. Eu estava frio, mas a sanguessuga estava ainda mais fria, quase tão gelada quanto o estetoscópio do tio Edward. Imaginei a boca minúscula do invasor a acoplar-se a mim, as suas filas de dentes afiados a morderem, enterrando-se profundamente, enquanto se começava a alimentar do meu sangue. Vi-a tornar-se roliça enquanto se empanturrava com a minha essência. Estava a tentar bloquear o pútrido espetáculo que me invadira a mente, quando vi a pinça do tio Edward, que regressava com outra sanguessuga, esta destinada ao meu ombro, depois outra, e depois mais outra.

Fechei os olhos na esperança de encontrar o abraço tumular e reconfortante do sono.

As vozes gritavam à minha volta. Conseguia ouvir a minha mãe e o meu pai, Matilda e Thornley, e até o tio Edward. Tentei distinguir as palavras, obrigando os meus ouvidos a concentrarem-se numa voz ou outra em particular, mas não faziam sentido. Quando tentei abrir os olhos, observei apenas o espesso alcatrão do nada, tão profundo e sinistro quanto os pântanos por trás da nossa casa. Senti-me a afogar nele.

Por breves e fugidios segundos, vi Matilda ao meu lado, o rosto ofegante e brilhante. Nesse instante, ela também me viu, pois os seus olhos tornaram-se grandes, e a sua boca abriu-se o suficiente para pronunciar o meu nome, gritando alto o suficiente para chamar a atenção dos outros; olharam primeiro para ela, depois para mim. Vi a minha mãe a correr em direção à cama, vinda do canto mais distante, e o meu pai a inclinar-se sobre mim, de um dos lados, e o tio Edward a inclinar-se do outro. O tio Edward acenou com um longo termómetro de metal e vociferou qualquer coisa a Thornley, mas tudo o que foi dito depois de Matilda ter gritado o meu nome tornou-se uma língua condenada. Tentei obrigar os meus olhos a fitarem os de Matilda, a susterem o seu olhar, como se apertasse os seus dedos nos meus, mas o seu doce rosto desvaneceu-se. Nada restava além de uma sombra, depois mais nada.

— Saiam todos!

Ouvi as palavras, mas estas chegavam até mim vindas de muito longe, quase inaudíveis sobre a cacofonia. Houve um tal tumulto à minha volta que acreditei estar a ouvir todos os sons da criação ao mesmo tempo; cada silvo, expressão, guincho, e grito do Universo conhecido

em uníssono, cada explosão subsequente mais sonora do que a anterior. Tão alta que trouxe consigo uma dor assombrosa, lâminas agonizantes que me apunhalavam os ouvidos — e, se tentasse compreender o que estava a ouvir, sabia que enlouqueceria.

— Quero que saiam todos deste quarto, já!

Era a *Nanna* Ellen. De alguma forma, eu sabia que era ela, ainda que a voz não fosse dela — era um uivo, uma *banshee* que gritava na noite tempestuosa.

Nessa altura devo ter sucumbido à escuridão porque, instantes depois, estava sozinho. A minha mãe e o meu pai haviam desaparecido, tal como Matilda, Thornley e o tio Edward. Se a *Nanna* Ellen ainda ali estava, não a vi; na verdade, não conseguia ver grande coisa. Tudo o que via eram pequenos alfinetes de luz que trespassavam a escuridão que começava a desvanecer. Pela primeira vez, apercebi-me de um cheiro, um odor almiscarado, como o de uma cave repleta de tubérculos no final do inverno, quando restam apenas as cascas putrefactas da colheita de verão, cobertas de bolor e carcomidas pelos insidiosos habitantes da terra húmida.

— *Nanna?* — sussurrei o seu nome. De tão dorida que estava a minha garganta, as minhas inalações seguintes foram realizadas em minúsculos arquejos, os olhos lacrimejando com o esforço.

A *Nanna* Ellen não respondeu, e no entanto, eu sabia que ela estava naquele quarto comigo. Senti a sua presença na escuridão cerrada. Chamei-a de novo, desta feita mais alto do que da primeira vez, preparando-me para o ardor na garganta que, inevitavelmente, acompanharia as palavras.

Uma vez mais, ela não respondeu.

Eu estava frio, e comecei a estremecer de novo, apesar das espessas mantas que haviam sido empilhadas sobre mim. O meu pai instalara uma pequena salamandra no canto do meu quarto para me dar calor e este ardera alegremente enquanto os outros ali tinham estado. Mas agora, a salamandra estava escura, os troncos cinzentos de pó frio e cinza, como se se tivessem passado semanas desde que o fogo lambra o ferro pela última vez.

Algo se agitou à minha esquerda, e eu virei-me desajeitadamente para o conseguir ver. Senti uma dor no pescoço devido ao esforço,

e tentei ignorá-la, semicerrando os olhos. Se era, de facto, a *Nanna* Ellen, esta movia-se demasiado depressa para que eu conseguisse sequer um vislumbre dela, pois quando os meus olhos encontraram o local onde acreditava que estivera, nada viram senão a esquina da minha cómoda e o espetro do meu casaco, pendurado num gancho na parede. A peça de vestuário agitava-se ligeiramente, algo que não me escapou. As janelas estavam firmemente fechadas, pelo que não havia vento algum; fora outra coisa que levava o casaco a agitar-se.

— Porque se esconde, *Nanna*? Está a assustar-me. — Mal o disse, quis voltar atrás. O meu pai ter-me-ia censurado por revelar qualquer sinal de medo, quanto mais por tê-lo anunciado, mas as palavras saíram antes de perceber que as deveria ter refreado.

Não tendo obtido resposta, fiquei imóvel, obrigando os estremecimentos a abandonar o meu corpo tempo suficiente para que conseguisse inspirar e escutar o quarto à minha volta. Ao inspirar, ouvi mais alguém a fazer o mesmo; dessa vez o som proveio da minha direita, mais perto da porta. Virei a cabeça, pesada, nessa direção, mas continuava sem conseguir ver nada; vinda do corredor, a mais ténue das luzes deslizava por baixo da porta, mas parecia morrer quando se deparava com ela, como se fosse impedida de avançar pela escuridão, muito mais forte, que residia no interior. Expeli o ar dos pulmões e, uma vez mais, um som semelhante atravessou o quarto, o som de alguém que respirava em sintonia comigo. Mal sustive a respiração, o meu companheiro misterioso fez o mesmo, como que envolvido num perturbador jogo de mímica.

Virei-me de novo para a porta do quarto, para a faixa de luz que penetrava a escuridão, rente ao chão. Pareceu-me ver sombras que se moviam através dessa luz. Imaginei Matilda, de ouvido encostado à porta e a escutar intensamente, arrastando os pés de um lado para o outro, nada ouvindo, e fechando em seguida os olhos, na esperança de que a perda de um dos sentidos fortalecesse o outro.

Reparei num movimento à minha esquerda e forcei a cabeça a virar-se para a pequena salamandra. Dessa vez, vi a *Nanna* Ellen; estava curvada sobre o fogo, agitando os troncos com o atizador de ferro. Estes crepitavam e estalavam sob o seu toque e, por um momento, vislumbrei uma solitária brasa cor de laranja. Em vez de juntar acendalhas

para alimentar as chamas, agitou a pequena brasa escaldante e dispersou os fragmentos brilhantes da madeira até deixarem de brilhar.

— Tenho frio, *Nanna* Ellen. Porque está a apagar o fogo? — A respiração que acompanhou as minhas palavras pairou no ar sobre mim, uma neblina de branco fantasmagórico.

A *Nanna* Ellen olhou para mim por uma fração de segundo e, depois, desapareceu. Não tinha a certeza se teria sido uma partida que as diabólicas sombras me haviam pregado ou se eu teria de novo desmaiado, mas nesse mesmo instante, ela pareceu desaparecer da minha vista. Captei, no entanto, um vislumbre dos seus olhos antes de ela se esfumar, e eles brilhavam no mais luminoso dos azuis. Estranhei conseguir ver-lhe os olhos com tão pouca luz no quarto, mas não tivera qualquer dificuldade em fazê-lo, e houve uma parte de mim que achou que ela queria que eu os visse. Juntamente com os seus olhos, reparei num sorriso que deslizava pelos seus lábios vermelhos. E houve até uma gargalhada, que, por breve que tenha sido, foi o único som.

Quando senti uns dedos a deslizarem pelo meu pescoço, quase saltei da cama, e a minha cabeça rodou na sua direção. A *Nanna* Ellen estava sentada na cadeira que a minha mãe tinha ocupado antes, a sua mão avançando para a minha testa. Não senti qualquer calor no seu toque, qualquer afeto — não o distinguiria se me tivesse tocado com uma acendalha ou a ponta de uma agulha de croché. Quando se afastou, esperei ver uma mão enluvada, mas não foi esse o caso; os seus dedos estavam nus. Maravilhei-me com o seu aspeto, a pele cremosa, macia como a de um bebé, as unhas compridas e perfeitamente cuidadas. Não pareciam as mãos de uma trabalhadora, mas sim as de um membro da realeza. Até as minhas mãos, com a tenra idade de 7 anos, exibiam as marcas do trabalho, e eu era muito mais protegido do que qualquer outra criança da minha idade. Tinha uma pequena cicatriz, na mão esquerda, logo abaixo do indicador que nunca sarara adequadamente. Tinha ficado presa no canto afiado da janela do piso inferior quando era mais novo. O metal áspero tinha cortado minha pele, fazendo jorrar uma fonte de sangue. Não chorei quando isso aconteceu; a minha mãe ficou maravilhada, louvando a minha bravura perante tal ferimento. Ligou o corte o melhor que conseguiu, mas a ferida era profunda, e provavelmente teria merecido pontos. Partilho este episódio

apenas porque as mãos da *Nanna* Ellen não exibiam tais cicatrizes, os cortes e arranhões da vida quotidiana.

A *Nanna* Ellen viu-me a contemplar as suas mãos e escondeu-as do meu olhar afastando o cabelo dos meus olhos.

— Pioraste consideravelmente; estás a delirar, preso num estado febril. Tens dores?

Tentei acenar com a cabeça, mas a minha capacidade motora tinha-me abandonado uma vez mais. Manter os olhos abertos era doloroso, mas mantinha-os, ainda assim, incapaz de os afastar dela.

— Deves ter.

Pensei que ela se referia à febre, mas depois apercebi-me de que estava a olhar para o meu braço. Recorrendo a todas as minhas forças, ergui-o. Vi três sanguessugas abaixo do meu cotovelo e pelo menos duas outras acima. Todas estavam roliças graças ao seu horrendo festim. A maior, que se encontrava perto do meu pulso, parecia prestes a rebentar. O seu corpo oleoso agitava-se, bombeando a minha pele com ferocidade. Havia nada mais nada menos que seis no meu outro braço, e eu sabia que o tio Edward também as tinha colocado nas minhas mãos e nos meus pés.

As lágrimas começaram a acumular-se nos meus olhos, e a *Nanna* Ellen limpou-mas com a ponta gelada do seu dedo. Observei, em seguida, quando ela levou o dedo aos lábios e provou a gota salgada. Sem emitir um som, baixou esse mesmo dedo até às costas agitadas da gorda sanguessuga junto ao meu pulso e fez pressão sobre ela. A pequena criatura estremeceu, depois abateu-se sobre si mesma, passando de roliça e húmida a pó seco perante os meus olhos. Depois desapareceu, nada mais deixando para trás senão uma mancha na minha pele e o pequeno buraco vermelho a partir do qual se alimentara. Quando o dedo da *Nanna* Ellen se afastou, estava vermelho de sangue: o meu sangue.

— Confias em mim? — perguntou. Obriguei-me a acenar com a cabeça, incapaz de falar. — Não devias — replicou ela.

AGORA



Bram ergue os olhos de relance do seu diário. Ouve a respiração; Barquejos pesados, entrecortados, seguidos de uma baforada de ar contra o lado de fora da porta. As pétalas da rosa agitam-se silenciosamente no piso de pedra. Uma pétala soltou-se. Negra de podridão e murcha de decadência, deslizou pelo chão e parou junto aos pés de Bram. O que restava da rosa não se saía muito melhor; teria de a substituir em breve.

A respiração regressou, mais longa agora, um exalar de pulmões monstruosos.

Soava como um cavalo ou um cão grande, mas não podia ser, pois ele sabia que, do outro lado, não se encontrava um animal. E, no entanto, ouvia-o — cada inalação e cada exalação mais sonora do que a anterior. Imagina narinas enormes, as de um *grand danois* ou de um mastim, junto ao chão, farejando com uma tal força e propósito que seria capaz de identificar tudo o que se encontra naquela divisão apenas pelo faro.

Bram pousa silenciosamente o diário no chão, levanta-se e atravessa a divisão até à porta.

A presença do outro lado deve saber que ele está perto, pois a respiração cessa momentaneamente, depois regressa, desta feita mais apressada. Bram baixa o rosto até ao chão e tenta espreitar por baixo da porta, mas há pouco espaço, uma frincha da grossura de um cabelo entre o piso de pedra e a base da espessa barreira de carvalho. Em seguida, outra exalação, e Bram afasta-se; o ar está quente e carregado de humidade, e essa humidade roça-lhe no rosto ao passar por ele, seguida de perto pelo mais horrendo dos odores. Os seus olhos lacrimejam com o cheiro e ele tenta recuar ainda mais, até as pernas baterem contra a cadeira que havia ocupado momentos antes. O fedor envolve-o e ele nada mais deseja do que sair dali. Em vez disso, levanta-se

e aproxima-se da janela, mergulhando a cabeça no ar fresco da noite, inspirando-o até o fedor desaparecer do seu nariz e dos pulmões.

Junto à porta, a respiração continua, ainda mais sonora.

Bram leva a mão ao bolso do casaco e retira do interior um pequeno frasquinho, erguendo-o à luz tremeluzente do candeeiro de petróleo. Vambéry tinha-o enchido, juntamente com outros quatro como aquele, apenas dois dias antes, na pia de São João Batista. Dois já haviam sido gastos; depois deste, restará apenas mais um frasquinho — e Bram não tem como arranjar mais. Cuidadosamente, retira-lhe a tampa e atravessa a divisão.

Uma vez mais, a presença do outro lado cai em silêncio por um segundo enquanto ele se aproxima, retomando em seguida a sua respiração rítmica. Segue-se um rugido baixo, depois um raspar na pedra, um movimento único e hesitante, como se aquele que o produziu estivesse a testar a força da pedra por baixo dos seus pés.

Bram ajoelha-se junto à porta e, cuidadosamente, inclina o frasquinho, derramando a água sagrada numa linha reta, de uma ponta da porta até à outra, e de novo para trás, até nada restar no frasquinho. A laje parece bebê-la — a partir do momento em que estabelece contacto, o líquido desaparece, nada deixando para trás senão um fino rasto. Do outro lado, a criatura afasta-se rapidamente. E, em seguida, ouve-se o uivo gutural de um grande lobo.

O DIÁRIO DE BRAM STOKER



Outubro de 1854

Acordei com uma luz esbatida, faixas cinzentas da luz do sol jorravam através das três janelas e invadiam o meu pequeno quarto no sótão com um brilho que nem era da luz do dia nem do crepúsculo. Presumi que o nevoeiro havia subido, vindo do porto; por esta altura do ano, era comum fazê-lo. Também havia no ar uma certa humidade, e embora alguém me tivesse aconchegado os lençóis em redor do corpo, estes pouco faziam para escorraçar o frio mordente do mar que me envolvia.

O cantar de um pássaro disse-me que estávamos no início da manhã. Doía-me abrir os olhos, mas fi-lo, ainda assim. A bacia que a minha mãe tinha usado para me humedecer a testa estava pousada ao meu lado, juntamente com o pano, mas a cadeira ao lado da cama estava vazia. Eu estava à espera de ali encontrar a minha mãe, ou Matilda, mas nenhuma delas a ocupava. Estava no meu quarto, no sótão, completamente sozinho. Se o tio Edward ainda se encontrava em casa, não havia sinal dele. A sua mala tinha desaparecido, e juntamente com ela o pavoroso frasco de sanguessugas. Afastei a roupa da cama para o lado e obriguei-me a sentar-me direito, estendendo o braço para a luz. As marcas começavam junto ao meu pulso e subiam até ao ombro, em ambos os braços, dezenas de perfurações com três pontos. Descobri marcas semelhantes nas minhas pernas, que começavam nas coxas e continuavam até aos pés. Quantas sanguessugas teria ele usado? Pensei que ia vomitar, mas obriguei-me a engolir a náusea.

Embora tivesse frio, não era o mesmo arrepio gélido que tinha sentido na noite anterior enquanto combatia a febre. Na verdade, presumi que se tratara apenas de uma noite, pois não tinha como ter a certeza. Da última vez que havia sucumbido a um tão violento ataque, dormira três dias inteiros antes de recuperar a consciência e me

juntar de novo aos vivos. Quando acordei depois daquele episódio, estava faminto, como se não tivesse comido em vários dias. A pouca energia que o meu corpo normalmente reservava tinha-me abandonado; quase não era capaz de me sentar, quanto mais pôr de pé. Agora sentia-me fraco, é certo, mas não tão fraco quanto na ocasião anterior. Na verdade, era o oposto, sentia-me capaz de descer da cama e correr pelo quarto, se necessário, como se tivesse emergido de um sono profundo — um urso que emerge da sua hibernação e regressa ao mundo.

Levei a mão ao pequeno sino na minha mesa de cabeceira e abanei-o. A minha mãe surgiu à porta instantes depois, trazendo nas mãos o tabuleiro do pequeno-almoço.

— E como te sentes esta manhã? — perguntou, enquanto pousava o tabuleiro na mesinha ao meu lado. — Pregaste-nos um valente susto na noite passada. A tua febre suplantou todas as outras na memória recente; temia, sinceramente, que corresses perigo de entrar em combustão enquanto dormias... a tua pele estava tão quente.

— Então e a *Nanna* Ellen? Ela está cá? — disse, numa voz que não era bem a minha.

— Está, sim. — Os olhos da minha mãe deslizaram pelo corredor até à porta de Ellen. — O que recordas da noite passada?

Tentei lembrar-me dos eventos da noite anterior, mas, na melhor das hipóteses, não passavam de um sombrio borrão. Recordava-me vagamente de a minha febre ter piorado, e pouco mais do que isso até à chegada do tio Edward.

— O tio Edward sangrou-me.

A minha mãe sentou-se na beira da cama e cruzou as mãos sobre o colo.

— É verdade, e ainda bem que o fez; a febre tinha-se apoderado profundamente de ti, e se ele não tivesse chegado quando chegou, não há como saber o que te teria acontecido. O Edward é uma bênção para todos nós, e deves-lhe bastante. Espero que lhe digas isso mesmo na próxima vez que o vires.

— Mas foi a *Nanna* Ellen quem me ajudou de verdade, não foi?

A minha mãe arrastou os pés sem, no entanto, sair do lugar, os seus dedos contorcendo-se nervosamente.

— Devemos agradecer ao teu tio pela tua recuperação, a mais ninguém; foi a sua competência que pôs fim à tua febre. Dizer o contrário não passa de uma conjectura, e não admitirei tais conversas.

Os seus olhos deslizaram de novo para a porta fechada da *Nanna* Ellen, ao fundo do corredor.

— Começo a perguntar-me porque permitimos que aquela mulher permaneça em nossa casa, desaparece durante dias a fio e regressa de acordo com o seu próprio calendário e capricho. Necessito de alguém fiável quando se trata de cuidar de ti e das outras crianças, não de uma vagabunda imprevisível e fugidia. Planeio falar com o teu pai acerca dela; talvez já seja mais do que tempo de fazermos algumas mudanças.

Ela estava claramente irritada, e eu não quis enervá-la ainda mais, por isso mudei de assunto.

— O tio Edward ainda cá está?

— Temo que tenha partido com o nascer do sol. Dormiu lá em baixo durante algumas horas, mas tinha de regressar ao seu trabalho logo pela manhã e não pôde ficar mais tempo. Teve a gentileza de ver como estavas antes de partir e disse-me que o teu estado havia melhorado consideravelmente: uma recuperação milagrosa, disse ele. — A minha mãe virou-se e, por cima do ombro, anunciou de forma sonora: — Matilda, o teu irmão está acordado!

Matilda esticou a cabeça, deixando-se ver à entrada do quarto; estivera ali durante todo aquele tempo.

— Ora, minha pequena coscuvilheira! — exclamou a nossa mãe. — Vou agarrar no sino do Bram e atá-lo em redor do teu pescoço!

Matilda corou.

— Não estava a coscuvilhar, mãe!

A mãe inclinou a cabeça.

— Devo então acreditar que só estavas de pé, no corredor, à porta do quarto, por ser um local confortável para descansar os pés?

Matilda abriu a boca para falar, depois pensou melhor.

Ao fundo do corredor, o bebé Richard começou a chorar e a mãe cerrou os lábios.

— Aquela criança ainda me vai matar. Fica aqui com o teu irmão por um momento.

Dito aquilo, a nossa mãe deixou o quarto, e Matilda ocupou o seu lugar à beira da cama. Levando a mão ao tabuleiro do pequeno-almoço, tirou um pedaço de torrada e enfiou-o na boca, depois entregou-me o que restava da fatia. O pão já estava meio seco e eu não tinha muita fome, mas comi ainda assim. Quando tive a certeza de que a mãe já não nos conseguia ouvir, falei em voz baixa.

— O que aconteceu com a *Nanna* Ellen, na noite passada?

Nesse momento, antes de responder, também Matilda olhou para o corredor tentando perceber se a nossa mãe a podia ouvir.

— Não te lembras?

Abanei a cabeça, sentindo o pescoço rígido e dorido.

— Ela regressou mais cedo para me ajudar, não foi?

Matilda sussurrou:

— Na noite passada, a *Nanna* Ellen trouxe-te dos portões do Inferno e salvou-te do toque do Diabo. Disto tenho a certeza.

— Mas o tio Edward...

— O tio Edward deu o seu melhor, e o teu estado ia piorando a cada hora que passava. Mas a *Nanna* Ellen... de alguma maneira...

— De alguma maneira o quê? O que fez ela?

As feridas provocadas pelas sanguessugas começavam a fazer-me comichão, e quando Matilda viu que eu as estava a coçar, tomou-me as mãos nas suas.

— O que ela fez fê-lo atrás de portas fechadas, mas quando ela saiu, uma hora depois, era óbvio que a tua febre tinha cedido e que o perigo havia passado, mas ela nada disse acerca dos seus métodos, apesar das perguntas do nosso pai e do tio Edward. Em vez disso, abandonou o teu quarto em direção ao dela e fechou a porta sem articular uma só palavra. O tio Edward bateu à porta do quarto dela durante quase cinco minutos antes de ter, por fim, desistido e regressado para o teu lado, onde constatou aquilo que a nossa mãe e eu já estávamos a ver; os suores da tua febre tinham desaparecido e descansavas pacificamente nesta cama, imóvel e calmo, só o subir e descer do teu peito nos revelava que ainda estavas entre os vivos. — Matilda olhou de relance para a porta fechada do quarto da *Nanna* Ellen. — Ela ainda ali está a descansar. — Inclinou-se mais para mim. — Vi o Thornley a levar-lhe alguma coisa depois de ela ter saído do teu quarto. Um saco grande. Havia qualquer

coisa no seu interior que se movia. Ela abriu a porta mesmo antes de ele ter batido, apenas o suficiente para agarrar no saco, depois voltou a fechar a porta.

— Isso é ridículo.

— Foi o que eu vi.

— Só podias estar a sonhar.

Ela cruzou os braços fitando-me, desafiante.

— Eu vi.

Examinei as feridas que me marcavam os braços, virando-os à luz.

— Doem-te? — perguntou Matilda.

Eu estava dorido e sabia, com base em experiências anteriores, que se passariam alguns dias antes de sarar, e disse-lho, embora desta vez os ferimentos parecessem estar a sarar mais depressa, apresentando já crosta e dando-me uma terrível comichão.

A voz dela desceu ainda mais, até um sussurro quase inaudível sobre o canto dos pássaros no exterior.

— E há mais. Quando a *Nanna* Ellen chegou, na noite passada, quando ela gritou a todos para que deixássemos o teu quarto, tinha o seu aspeto normal: uma mulher jovem e saudável. Mas quando saiu do teu quarto, estava longe disso; era como se tivesse envelhecido uma dúzia de anos naqueles minutos em que aqui esteve. O seu rosto tornou-se pálido e seco, o cabelo, mortiço e espigado. E os olhos eram os de uma velha. Vi-os de relance quando ela se arrastou até ao quarto, mas foi apenas um relance, pois ela virou o rosto e protegeu-o nas sombras enquanto se apressava a passar e a fechar a porta atrás de si.

— De que cor eram eles? — perguntei-lhe, sabendo já a resposta.

— Azul como o mar, quando entrou; do cinzento mais profundo, quando saiu.

— Então, está a acontecer outra vez?

Matilda assentiu.

A minha mãe regressou com um copo de vinho e entregou-mo.

— Quase me esqueci: o tio Edward disse que devias beber isto mal acordasses.

Por norma eu não era um grande apreciador de vinho. Não desenvolvi o gosto pelo vinho senão mais tarde, na minha vida, mas sabia,

por experiências passadas, que a bebida apressaria o regresso das minhas forças — as poucas que tinha nesses dias, pelo menos. Tomei o copo nas mãos e obriguei o líquido a descer sem inspirar, uma vez que fosse, entre as goladas. O vinho era quente e seco e não completamente desagradável ao meu palato jovem, mas não deixava de ser álcool, e senti rapidamente os seus efeitos a invadirem-me. Devolvi o copo à minha mãe, que me fitava com curiosidade.

— Estás certamente desidratado; pensei que ia ter de lutar contigo para que o bebesses todo. Depois de ter testemunhado isto, começo a perguntar-me se esta tua doença não será mais do que uma ressaca, que te tens andado a esgueirar para os *pubs* durante a noite. — Ela disse-o com um brilho nos olhos. Percebi que se tratava de uma brincadeira; e não pude deixar de lhe sorrir.

— De que outra maneira conseguirei aperfeiçoar as minhas técnicas no jogo de *cribbage*?

Isto conquistou uma gargalhada, e ela despenteou-me o cabelo.

— Esse teu sentido de humor ainda te vai meter em apuros um dia, mas é bom ouvi-lo de volta. Fiquei bastante preocupada ontem à noite. Acho que nunca tinhas estado tão mal. — Pousou a mão na minha testa. — A febre parece ter cedido, contudo. Ainda estás um bocadinho quente ao toque, mas nada como ontem. Teria conseguido ferver uma panela de água sobre essa tua cabeça.

— Ele tem uma cabeça grande — interveio Matilda.

Tentei bater-lhe e falhei, quase derrubando o tabuleiro que estava em cima da mesa. A minha mãe agarrou-me a mão no ar e segurou-a entre as suas, os olhos repletos de lágrimas.

— Rezei ao Senhor lá no alto todo o dia e toda a noite para que o teu sofrimento chegasse ao fim, para que a tua doença por fim desaparecesse. Esperemos que o tio Edward tenha conseguido escorraçar de ti os demónios.

Eu sabia que não tinha. Embora me sentisse melhor, conseguia sentir a doença a fermentar dentro de mim, dormente por ora, mas preparando o seu regresso. A sensação de dor nos meus ossos, o cansaço e a cabeça leve; tinha sido subjugada, nada mais.

— Ele ainda não contou, mãe — realçou Matilda, empoleirando-se uma vez mais na minha cama.

— Talvez lhe devêssemos dar tempo para recuperar as forças, minha jovem.

— Se ele não contar já, depois nunca mais se lembra — ripostou ela.

A minha mãe sabia que era verdade, um facto que nos recordava constantemente. «Os sonhos são como a areia de uma ampulheta, diminuem a cada segundo que passa, até o último grão desaparecer pelo furo e se perder para sempre na escuridão.»

Desde que me recordava, nós os três partilhávamos os nossos sonhos, recontando-os uns aos outros o melhor que a memória nos permitia. Eu, por vezes, registava-os; tinha um diário na mesa de cabeceira precisamente para esse propósito. Apontava-os mal acordava, sabendo que, se me atrasasse por instantes que fosse, eles se desvaneceriam, como a nossa mãe sempre nos dissera que aconteceria, e os pormenores tornavam-se cada vez mais difíceis de colher da memória. Ainda não tive tempo para transcrever os sonhos da noite anterior, e não tinha a certeza de o querer fazer. Ao contrário dos sonhos normais, os sonhos febris eram extraordinariamente vívidos. Matilda sabia-o, razão pela qual me sondava com tamanha insistência, e, ao contrário dos sonhos normais que se desvaneciam pouco depois de acordar, os sonhos febris ficavam gravados na minha mente. Eu nem sequer queria fechar os olhos com receio de regressar a essa escuridão feia que me havia engolido por entre o pior da noite anterior. Lembrava-me de ter sido enterrado vivo com tamanha clareza que conseguia sentir o gosto da terra e ouvir os vermes que escavavam as suas tocas a centímetros da minha cabeça, aguardando famintos pela fétida refeição em que me iria transformar.

— Eu... eu não quero — protestei timidamente.

— Foi assustador? — Matilda aproximou-se um pouco mais, o seu rosto resplandecia. — Oh, conta-nos, Bram!

Os meus olhos passaram de Matilda para a minha mãe, regressando em seguida à minha irmã. A minha mãe dissera-me, certa vez, que, se falarmos do Diabo nos nossos sonhos, ele perde o poder de nos magoar. Por isso, com um suspiro, falei-lhes do meu enterro; e relatei tudo o que conseguia recordar. Quando terminei, apercebi-me de que Matilda se havia aproximado mais, enquanto a minha mãe me fitava sem uma palavra.

— A tua campá estava entre as dos suicidas? — perguntou Matilda. Perante tais palavras, a minha mãe franziu o sobrolho.

— O que sabem vocês das campas dos suicidas?

A mente da minha irmã tentou calcular uma maneira de aprofundar a questão sem trair o facto de que tinha estado a escutar o que fora, sem dúvida alguma, uma conversa privada entre os nossos pais, mas antes que conseguisse avançar com uma qualquer mentira elaborada, a minha mãe voltou a falar.

— Estiveste a ouvir às escondidas enquanto eu e o teu pai conversávamos ontem, não foi?

— Estava apenas a passar e ouvi referir as campas dos suicidas, mas não continuei a ouvir; isso seria errado.

— Sim, seria muito errado.

— Os homens da cidade enterraram, realmente, um homem vivo no cemitério? — perguntei.

A minha mãe inspirou fundo.

— A ser verdade, o Horton Lowell e o chefe da polícia não encontraram qualquer prova disso ontem à tarde quando se dirigiram ao antigo cemitério depois de terem ouvido conversas acerca do enterro, na vila. Não tenho qualquer dúvida de que a história foi apenas o produto da imaginação exagerada de alguém, transmitido por rumores à pessoa seguinte, até ter alcançado vida própria. — Virou-se para Matilda. — Os rumores não são nem um bocadinho melhores do que ouvir às escondidas, e é melhor que não te descubra a fazer qualquer um dos dois, de futuro, ou levas uma palmada nesse teu traseiro branco como a cal.

Comecei a rir, o que depressa deu lugar à tosse. A minha mãe serviu-me um copo de água e bebi-a avidamente. Tinha a garganta áspera, como se tivesse engolido pedras.

A minha mãe prosseguiu.

— A fome tem cobrado um forte preço aos nossos conterrâneos. Em Dublin, os doentes e os pedintes morrem nas ruas. Os pobres roubam os pobres. Homens que outrora haviam trabalhado os seus próprios campos pedem agora nas esquinas, para conseguirem comprar algum sustento para as suas famílias. Nunca subestimem aquilo que um homem será capaz de fazer para pôr comida na boca dos seus filhos famintos.

— O pai diz que está a ficar melhor — disse eu.

— Por vezes, acho que o vosso pai prefere acreditar na retórica pregada entre os aristocratas do castelo. Eles querem que acreditemos que a fome está a chegar ao fim, por isso andam de um lado para o outro a dizê-lo, mas falar de tais coisas não as torna reais. — A minha mãe baixou os olhos para as mãos. — Acho que as coisas ainda vão ficar bem piores antes de melhorarem, por isso, quando ouço dizer que um homem doente foi enterrado vivo, não o ignoro como ficção de imediato; sei em primeira mão aquilo que podem fazer os homens maus quando estão assustados. Quando eu era uma menina e a cólera corria pelas ruas, testemunhei os homens a fazerem coisas muito piores do que enterrarem uma pobre alma doente.

— A cólera era pior do que a fome?

— Não sei se uma morte é melhor ou pior do que outra, Matilda. Ambas matam sem preconceitos.

Matilda perguntou numa voz fraca e envergonhada:

— Será isso que nos vai acontecer? Vamos morrer todos?

— A fome é diferente, Matilda. Há doenças, sim, mas nada como a cólera. A maior parte das pessoas que vês doentes padecem de fome e desidratação, são homens que bebem até ficarem num estado de torpor, sentindo que foram incapazes de cuidar das suas famílias. É horrendo, é certo, mas uma criatura muito diferente. — Ela deu uma palmadinha nos nossos joelhos. — Basta desta conversa: temos muito para fazer hoje, e tenho a sensação de que a *Nanna* Ellen não irá oferecer a sua ajuda.

Olhámos os três de relance para o fundo do corredor, para a porta fechada da *Nanna* Ellen. A mãe levantou-se.

— Matilda, sê uma querida e vai buscar os ovos do dia.

A minha irmã torceu o nariz.

— É a vez do Thornley.

— O teu pai mandou-o à casa de campo de Seaver em Santry, para um carregamento de turfa para a lareira. Já quase não temos e em breve as noites começarão a ficar geladas com a aproximação do inverno.

Matilda desceu da cama e percorreu o corredor, batendo com os pés, sem dizer mais uma palavra.

A minha mãe pousou a mão na minha testa e sorriu.

— Deus sorriu-te, meu homenzinho.

Os meus olhos permaneciam fixos na porta da *Nanna Ellen*, as imagens da noite passada repetindo-se ainda no teatro da minha mente.

Várias horas depois

— O que está a *Nanna Ellen* a fazer? — perguntou Matilda.

Ergui-me em bicos de pés e espreitei pela janela para o nosso pátio das traseiras.

— Está a apanhar a roupa da corda.

Ao empoleirar-me ali, apercebi-me de que me sentia muito melhor. Embora a moinha que sentia nos ossos não me fizesse esquecer a dor maior adormecida, a minha doença parecia ter regredido um pouco. Por vezes, passavam-se semanas sem que me conseguisse levantar da cama. Mantinha-me tanto tempo de cama, que chegava a criar escaras, e os meus músculos atrofiavam devido à falta de uso. A minha mãe preocupava-se frequentemente com a hipótese de eu desenvolver uma infeção e limpava as chagas tão bem quanto possível, depois cobria-as com musgo esfagno que guardava numa prateleira alta na despensa da cozinha, longe dos olhos do pai, uma pérola da medicina folclórica, sem dúvida, desdenhada pelos médicos modernos da nossa família. Quanto aos meus músculos, havia pouco a fazer. Eram muitos os dias em que simplesmente me sentia demasiado fraco para me levantar da cama. Perante as súplicas da minha mãe, tentava, mas o meu corpo simplesmente não tinha forças, ficava ali deitado, virando-me a espaços de algumas horas, com a ajuda dela, para impedir que as escaras piorassem.

Hoje o dia revelou-se diferente.

Tal como as pequenas marcas deixadas pelas sanguessugas, as escaras que no dia anterior haviam coberto a minha pele patética estavam agora secas e a desaparecer e a comichão que provocavam era de enlouquecer. Desaparecidas, de súbito, estavam as feridas abertas cobertas de pústulas que tinham feito parte da minha vida desde que dela tinha memória; pareciam estar a desvanecer-se à medida que o dia ia avançando, sarando a uma velocidade incrível.

Também me sentia mais forte. Havia uma energia agora presente dentro de mim que tinha estado ausente nos dias anteriores, uma força

verdadeira. Por esta altura já estava fora da cama há quase duas horas. Duas horas de pé! Implorei que me fosse permitido falar à minha mãe sobre isto, mas Matilda disse-me que não o fizesse; achava que era melhor que mantivéssemos esse segredo entre nós.

Deixei-me ficar de pé junto à pequena janela do sótão a observar a *Nanna* Ellen à medida que ia avançando ao longo da corda da roupa, retirando as molas e dobrando cuidadosamente cada peça de roupa antes de a depositar num cesto aos seus pés. Já ali estava há uns dez minutos e chegara quase a meio da corda. Procurei os sinais da idade que Matilda referira, mas tive dificuldade em conseguir ver bem o seu rosto. Tinha um lenço na cabeça, que atara por baixo do queixo, e o tecido verde e branco escondia-a do meu olhar. Parecia mover-se mais lentamente, como se estivesse com dores.

— Quanto tempo antes de ela terminar?

— Dez minutos — respondi. — Talvez menos.

Entretanto, Thornley regressou na parte de trás de uma carroça repleta de turfa da casa de campo Seaver, e tanto ele como o meu pai começaram a descarregar a carga e a transportá-la para a cave, enquanto o condutor fitava as espessas nuvens de tempestade que subiam do porto. Thornley estava coberto de suor, o rosto enegrecido da terra e da lama.

Matilda saltou da minha cama e dirigiu-se à porta. Encostou o ouvido à madeira e tentou ouvir o que se passava no corredor.

— A mãe e o Thomas parecem estar na cozinha. O Richard deve estar a dormir.

— Se entrares no quarto da *Nanna*, o bebé vai acordar, e a mãe ou a *Nanna* virão a correr — realcei.

— Não o vou acordar; posso ser tão silenciosa quanto um rato de igreja.

— Não devias ir lá; ela vai descobrir.

— Com é que vai descobrir?

Lá em baixo, a *Nanna* Ellen empurrou o cesto um pouco mais ao longo da corda, com a biqueira do sapato.

— Ela vai saber.

— Se ela deixar a corda, vais chamar-me. Podes ser o meu vigia.

Abanei a cabeça.

— Se vais, vou contigo.

— Então vem; já chega de perder tempo.

Matilda girou a maçaneta da porta e abriu-a, fazendo-o suficientemente depressa para impedir que as dobradiças chiassem, algo que faziam frequentemente. Com um rápido relance ao longo do corredor, atravessou o limiar da porta e percorreu, em bicos dos pés, tendo o cuidado de evitar as duas tábuas perto das escadas que gemiam sempre que eram pisadas. Segui-a, poucos metros atrás, e dei-me conta de que aquela era a primeira vez em quase três meses que deixava o quarto por vontade própria. Por vezes, o meu pai levava-me ao colo para o andar de baixo e deixava-me na cozinha ou no sofá da sala de estar, mas era raro dar esses passos sozinho. Na minha última tentativa, só conseguira chegar às escadas antes de ter de me agarrar ao corrimão e cair ao chão, absolutamente exausto. Depois desse episódio, o meu pai proibiu-me de abandonar o quarto, temendo que eu caísse pelas escadas e partisse um ou mais dos meus ossos já de si tão fracos.

Ao passarmos pela escada, reparei que não me sentia minimamente cansado. Na verdade, sentia a adrenalina a correr através do meu corpo, uma explosão de energia. Todas as imagens e todos os sons pareciam ampliados. Consegui ouvir a minha mãe a falar com Thomas na cozinha, cada palavra tão clara como se eu me encontrasse na mesma divisão. Era estranho, conseguir ouvi-los? Não sabia. Afinal de contas, Matilda tinha-os ouvido do meu quarto, com a porta fechada. Ainda assim, parecia-me peculiar.

Matilda chegou à porta da *Nanna* Ellen e encostou o ouvido.

— Ela ainda lá está em baixo. Despacha-te.

— Estou a ouvir o bebé Richard.

Fechei os olhos e ouvi também, imaginando o quarto do outro lado da porta, o espaço minúsculo a que ela chamava casa.

— Ele está a dormir. Consigo ouvi-lo respirar.

Matilda fitou-me por um momento, achando o meu comentário suspeito, antes de rodar a maçaneta. Esta porta guinchou, e ambos estremecemos. No piso de baixo, tanto a minha mãe como Thomas riam de qualquer coisa. Os meus olhos cruzaram-se com os de Matilda; se ouviram o ruído, não o levaram em conta, não tendo havido qualquer pausa no seu diálogo. A este, seguiu-se o ressoar dos tachos.

Matilda deslizou pela porta para o interior do quarto da *Nanna* Ellen, o dedo indicador em gancho chamando-me para que a seguisse.

O quarto da *Nanna* Ellen não era grande; era até mais pequeno do que o meu. De forma retangular, com um teto que se inclinava em direção à janela, não tinha mais de três metros de largura por dois e meio de comprimento. Embora imaginasse que a janela se abria para os campos nas traseiras, não podia ter a certeza, porque o vidro fora tapado por um espesso cobertor, pregado à moldura da janela nos quatro cantos. A luz tentava passar em torno dos limites do cobertor, mas pouca chegava a penetrar, deixando o espaço numa relativa escuridão. Conseguia ver os contornos de Matilda, que se erguia sobre o pequeno berço onde dormia o bebé Richard. Ela ajustou-lhe o cobertor e levou um dedo aos lábios.

Fiz-lhe sinal indicando que tinha percebido. Os meus olhos ajustando-se à falta de luz.

O quarto da *Nanna* Ellen tinha poucas peças de mobiliário. Um guarda-fatos na parede do fundo. Havia uma pequena secretária à direita do berço, sobre a qual se encontravam algumas folhas de papel e uma pena. À esquerda, estava uma mesa solitária, com uma bacia e uma toalha. A cama estava cuidadosamente feita, com uma mesinha de cabeceira ao lado, na qual se encontrava apenas um velho candeeiro de petróleo e um jornal. Quando observei mais de perto, apercebi-me de que a bacia estava absolutamente seca. Tendo-se o pó acumulado no fundo.

— Isto é estranho — sussurrei.

Matilda aproximou-se e deslizou o dedo pelas laterais da bacia.

— Talvez ela se lave lá em baixo?

Encontrei um bacio encostado ao canto mais distante, ao lado da bacia; também ele parecia não ser usado. Afastei-o com a biqueira do sapato, revelando um anel de pó onde estivera a base. Eu e Matilda olhámos de relance um para o outro, mas nada dissemos. Quando Matilda recolhia os bacios, a *Nanna* Ellen dizia-lhe sempre que trataria do seu.

Foi então que vi as nossas pegadas no chão, um rasto simples que ia da entrada do quarto ao local onde nos encontrávamos agora. Uma fina camada do que só podia ser pó cobria o piso de madeira,

perturbado pela nossa passagem. Embora fosse mais grossa nuns sítios do que noutros, parecia cobrir todo o quarto da *Nanna*; imundo, como se o quarto não fosse varrido há bastante tempo.

— Ela saberá que aqui estivemos, sem sombra de dúvida — disse eu, mais para mim mesmo do que para Matilda.

— Continua à procura; vamos descobrir alguma coisa.

— Do que estamos à procura?

— Não sei. Ela viveu cá durante todo este tempo, e sabemos tão pouco acerca dela. — Levou as mãos às portas do guarda-fatos e puxou-as para as abrir rapidamente, tentando surpreender o que quer que a aguardasse no interior. De cabides, pendiam cinco vestidos, e no fundo, chegado à direita, estava pousada uma pequena caixa de roupa interior. Afastei o olhar timidamente.

Matilda deu uma risadinha.

— Pobrezinho do Bram, está com medo de meia dúzia de cuecas? — Ela ergueu um par e fez um gesto como se mo fosse atirar. Eu dei um passo atrás, e ela voltou a deixar cair as cuecas na caixa, ajoelhando-se em seguida ao seu lado e começando a vasculhar o restante conteúdo. — Uma senhora esconde sempre os seus bens mais preciosos entre as cuecas porque homem algum se atreveria a procurar aí.

Um instante depois, levantou-se.

— E o que encontraste tu por entre as cuecas dela?

— Nada.

Aproximei-me da secretária e peguei na primeira folha de papel.

Em branco.

Matilda arrancou-me o papel da mão, ergueu-o à luz fraca que chegava do corredor, depois voltou a colocá-lo cuidadosamente sobre a pilha.

— Continua à procura.

Aproximei-me da mesa de cabeceira. Tal como a bacia e o bacio, também o candeeiro a petróleo não parecia ser usado. A fonte estava seca, e quando o cheirei, não senti o mais pequeno indício de petróleo, apenas um odor almiscarado como o de uma caixa fechada e há muito esquecida, que fora aberta pela primeira vez em muitos anos. Disse-o a Matilda, mas ela ignorou-me com um gesto de mão, perdida na sua própria tarefa.

O jornal era a edição do dia anterior do *Saunders's News-Letter*. O título fora impresso em letras maiúsculas pretas e carregadas:

FAMÍLIA ASSASSINADA EM MALAHIDE

Um homicídio bárbaro e cruel foi cometido sob as mais revoltantes circunstâncias em Malahide, na sexta-feira à noite, por volta das duas da manhã. As vítimas foram Sibean O'Cuiv, mãe das crianças falecidas, o filho mais velho Sean, de 5 anos, e a sua irmã Isobelle, de cerca de 2 anos. A terceira criança, Maggie de 6 anos e meio, conseguiu fugir ao atacante, e foi ela quem alertou James Boulger, o polícia responsável pelo quartel de Church Street, que por acaso passava não muito longe do local, quando a sua atenção foi chamada pela criança que fugia da casa.

O agente Boulder entrou, então, na casa e ouviu os gemidos de Patrick O'Cuiv, que sangrava profusamente de ambos os braços. O agente Patterson entrou no quarto e descobriu a mãe e os dois filhos pequenos e indefesos jazendo mortos nas suas camas. O Sr. O'Cuiv estava às portas da morte, dado que tinha perdido uma quantidade significativa de sangue. Foi levado de carroça para o Richmond Hospital.

— Viste o jornal de ontem? — perguntei.

— Não, mas ouvi a mãe e o pai a falarem dele ao jantar. Disseram que a polícia acredita que o Sr. O'Cuiv tentou matar toda a sua família porque não conseguia alimentá-los, depois virou a faca para si mesmo, mas foi incapaz de terminar o serviço. Não fosse pela pequena Maggie, certamente teria terminado a tarefa e todos estariam mortos.

— Onde está ele agora?

— Suponho que no quartel de Church Street. Deram-lhe os primeiros cuidados. Deviam tê-lo deixado a sangrar até à morte numa banheira de sal por tal crime — disse Matilda.

A família O'Cuiv tinha-nos visitado para jantar há não mais de um mês. A refeição estivera longe de extravagante, no entanto eles tinham-se sentido gratos: o pequeno Sean servira-se de três doses, e a sua irmãzinha dissera poucas palavras, pois estava demasiado ocupada a mastigar um pedaço de pão do tamanho da sua cabeça, mergulhada no

molho de frango da minha mãe. A sua esposa estava compreensivelmente silenciosa — aceitar a solidariedade de estranhos era uma experiência algo humilhante, uma que não teriam considerado não fora pela dor que os filhos sentiam nos estômagos devido à falta de comida. Ela comera quase em silêncio, respondendo apenas quando a minha mãe e o meu pai lhe faziam várias perguntas durante a conversa, mas nunca oferecera mais do que a resposta ao que lhe era perguntado, antes de regressar à sua refeição, os olhos saltitando das crianças para o marido e de novo para as crianças. Tentei recordar se reparara em alguma tensão evidente entre os dois adultos. Nada me ocorreu, contudo; pareciam bastante cordiais, vítimas da fome, tão-somente.

— Achas que o pai era capaz de fazer uma coisa dessas? — A pergunta saiu-me antes de eu autorizar que as palavras passassem pelos meus lábios, e senti o rosto a corar.

— Oh, céus, não! Antes de mais, o nosso pai arranjaría sempre maneira de nos alimentar. Mas mesmo que não conseguisse, não desistiria, e o que o Sr. O’Cuiv fez foi desistir. Em vez de procurar uma solução para o problema, rendeu-se como um cobarde. O nosso pai jamais faria isso. E se tentasse, o mais provável era que a mãe lhe batesse com uma frigideira.

Eu sabia que ela tinha razão, mas mesmo em tão tenra idade também compreendia o quão facilmente um problema podia envolver alguém, isolar a pessoa do resto do mundo até parecer que nada mais existia. O meu próprio isolamento ensinara-mo.

— Como achas que o fez sem acordar os outros?

— Podes parar? Precisamos de continuar à procura. Não temos muito tempo.

— Ele matou a mulher e três dos seus quatro filhos antes de a pequena Maggie conseguir escapar — refleti.

— Às duas da manhã... deviam estar a dormir profundamente.

— Mas enquanto aquilo acontecia? Talvez a primeira vítima, mas e as outras? Tenho dificuldade em acreditar. — Regressei ao jornal e percorri com o olhar os restantes títulos da primeira página. — Quem é Cornelius Healy? O nome não me é estranho.

— O Sr. Healy? Gere uma quinta para os Domvillers, acho eu. Porquê?

— Escuta...

PARA TODOS OS QUE SABEM QUE OS MONSTROS SÃO REAIS...

1868. Batidas na porta. Cada vez mais fortes e intensas. Barricado no topo de uma torre abandonada, Bram Stoker reza para que as proteções aguentem e prepara-se para o pior. Pendura crucifixos e espelhos nas paredes, carrega a espingarda e aguarda. Temendo não sobreviver àquela longa noite, decide registar todos os horrores que o levaram até ali, ao confronto com a morte...

A história começa na sua infância. Bram, com 5 anos, é uma criança doente, confinada à cama, tendo por companhia a irmã Matilda e a sua jovem ama Ellen Crone, a única pessoa que o consegue aliviar da doença. No entanto, há algo que o inquieta em Ellen — talvez seja o seu comportamento bizarro, a sua pele pálida ou a forma como parece não envelhecer. No início, é apenas uma intuição, mas, mais tarde, Bram e Matilda descobrem que Ellen se ausenta com frequência pela calada da noite. Quando isso acontece, há mortes inexplicáveis que ocorrem em Dublin, cadáveres descobertos sem uma gota de sangue. As suspeitas de Bram e Matilda aumentam de dia para dia, até que, sem aviso, Ellen Crone desaparece e os deixa sem respostas.

Quinze anos depois, obcecado com o fantasma de Ellen Crone, Bram junta-se à irmã para encontrar a antiga ama. Sem o saber, o seu caminho vai cruzar-se com o de uma criatura tão assustadora como fascinante... e maligna. Um encontro que, mais tarde, dará origem a um romance destinado a tornar-se lenda.

**MUITO MAIS DO QUE DRÁCULA RECONTADO...
ESTA É A HISTÓRIA VERDADEIRA
QUE ESPEROU SÉCULOS PARA VER A LUZ DO DIA.**

«Terrivelmente assustador. Deliciosamente gótico.»

Josh Malerman, autor de *Às Cegas*

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-668-665-9



9 789896 686659

Literatura Fantástica

